

**“Olhei para a minha mãe e disse: desculpa, mas a tua filha não é como tu gostarias que fosse, não gosto de homens, gosto de mulheres”: narrativas de uma mulher lésbica****‘I looked at my mother and said, I’m sorry, but your daughter isn’t who you’d like her to be. I don’t like men, I like women’: narratives of a lesbian woman**Leonardo Cardozo Vieira¹<https://orcid.org/0000-0003-2889-9161><http://lattes.cnpq.br/746326437833159>Paula Regina Costa Ribeiro²<https://orcid.org/0000-0001-7798-996X><http://lattes.cnpq.br/0516745823012125>**RESUMO**

O presente ensaio tem como objetivo apresentar algumas narrativas sobre Camila, mulher e enfermeira, que precisou mudar de cidade para viver com seu grande amor e conquistar seu espaço enquanto profissional. Para tanto, como proposta metodológica, de natureza qualitativa, nos utilizamos da pesquisa narrativa, pois entendemos que somos seres contadores de histórias sobre o mundo e nós mesmos. Assim, Camila narra a sua história carregada de experiências na família e fora dela, que colocaram em xeque a sua sexualidade e suas experiências não heterossexuais. Camila precisou relacionar-se com homens para ter certeza de sua identidade lésbica. Desde jovem, já se considerava diferente das outras meninas, gostava de usar roupas largas, camisetas e não blusas de tirinhas. Conta de suas idas e vindas entre cidades, dos relacionamentos e traições, de sua independência financeira, de suas conquistas e da vida profissional. Compartilha de seus sonhos, dos planos para um futuro próximo e de como membros de sua família ainda a interpelam para uma vida cis-heterossexual. Com as narrativas de Camila, problematizamos a lesbianidade e o tornar-se lésbica, as relações de poder na condução das condutas para uma cis-heterossexualidade compulsória e a resistência desse corpo feminino vigiado, controlado e sexualizado.

Palavras-chave: Lésbica; Sexualidade; Resistência; Cis-heterossexualidade compulsória.

¹ Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas/RS – Brasil, e-mail: bio.leo.mat@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande/RS – Brasil, e-mail: pribeiro.furg@gmail.com

**ABSTRACT**

This essay aims to present some narratives about Camila, a woman and nurse, who had to move to another city to live with her great love and establish herself as a professional. To do so, as a qualitative methodological proposal, we implement narrative research, as we understand that we are storytellers about the world and ourselves. Therefore, Camila tells her story, filled with experiences from within and outside her family that challenged her sexuality and non-heterosexual experiences. Camila needed to be in relationships with men to make sure of her lesbian identity. From a young age, she already felt different from other girls; she liked to wear loose clothes, T-shirts, not tank tops. She talks about her changes between cities, relationships and betrayals, financial independence, achievements, and professional life. Camila shares her dreams, plans for the near future, and how members of her family still pressure her to live a cis-heterosexual life. With Camila's narratives, we problematize lesbianism and becoming lesbian, power relations in conducting behaviors towards compulsory cis-heterosexuality, and the resistance of this surveilled, controlled, and sexualized female body.

Keywords: *Lesbian; Sexuality; Resistance; Compulsory cisheterosexuality.*

1. CAMINHOS QUE CONDUZIRAM A ESSE ENSAIO

Junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande, tivemos a oportunidade de desenvolver alguns estudos sobre lesbianidade, principalmente através do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE), que há mais de duas décadas dedica-se a problematizar as questões de gênero, sexualidade e outras interseccionalidades na Educação, e que propicia discussões e diversos momentos para estudo dessas temáticas. Assim sendo, foram os estudos das teorias acerca da cis-heterossexualidade compulsória, cis-heteronormatividade e lesbianidades, a partir de uma disciplina e dos estudos do GESE, que deram gênese a esse ensaio sobre as narrativas de uma mulher lésbica.

Para tanto, buscamos aportes da pesquisa narrativa, que através da história de vida, documentos pessoais e narrativas, busca compreender a experiência humana, pois trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois "uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores" (Clandinin; Connelly, 2011, p. 18).

Para Paula Ribeiro Costa Ribeiro e Dárcia Ávila (2013, p. 72),

é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos vão construindo tanto os sentidos de si, de suas experiências, dos outros e do contexto em que estão inseridos. Esse processo de contar histórias vividas faz com que a pesquisa apresente outro olhar, ou seja, esse processo se apresenta como algo complexo porque quando recontamos histórias, não apenas recontamos fatos que aconteceram em outro momento de nossas vidas, mas recontamos essas histórias tal como elas se refletem em nossas experiências presentes. Dessa forma, tanto as histórias como os sentidos que damos a elas, conforme vão sendo recontadas ao longo dos tempos, vão construindo, nos sujeitos, diferentes formas de ver e compreender suas próprias histórias.



Assim, Camila apresenta suas histórias, narrativas e experiências, carregadas de muito sentimentos, enquanto uma mulher lésbica. O nome Camila fora sugerido por ela devido ao anonimato, mesmo ela não sendo uma pesquisadora ou acadêmica das temáticas LGBTQIA+, acredita que sua história possa estimular outras mulheres na busca de suas identidades e de seus sonhos. Foi realizado um primeiro contato com Camila a fim de convidá-la para a pesquisa; após o aceite foi enviado o termo de consentimento livre e esclarecido, que foi assinado por ela, que também autorizou a gravação através da plataforma *meet*. O encontro foi transcrito e após foi enviado a Camila a fim de que pudesse acrescentar ou modificar a sua narrativa.

São as experiências de Camila que compõe o 'corpus' desse trabalho, a pesquisa narrativa é sempre o *locus* da experiência, considerada tanto na dimensão pessoal, por meios dos sentimentos, da esperança e dos desejos da participante, quanto na dimensão social, através das condições existenciais, do ambiente, das forças e das pessoas que participam e formam o contexto dos sujeitos. Dito isto, convidamos você à leitura desses escritos sobre as narrativas de Camila e das discussões tecidas a partir delas. O texto está dividido em três momentos: Uma estudante de cursinho Pré-Enem, Camila narra a sua história e na tentativa de não encerrar.

2. NARRATIVAS DE CAMILA: ESTUDANTE DE CURSINHO PRÉ-ENEM

Entre os anos de 2010 e 2011, conhecemos Camila como uma estudante de um cursinho Pré-Enem da Universidade Federal de Pelotas, uma jovem que vivia o auge de sua adolescência e, como tal, carregada de medo, ansiedade e insegurança. Camila estava sempre de camiseta solta e bermudas largas, cabelos curtos e voz grossa, não para ser igual aos homens naquilo que atribuímos como suas características sociais. Ela queria ser diferente daquelas meninas, que na maquiagem, nas roupas e no comportamento, legitimavam uma certa condição de submissão. Os homens costumam, via de regra, desejarem as mulheres maquiadas, com salto e com roupas apertadas.

Por alguns bons anos, perdemos o contato com Camila, mas pelas redes sociais nos reencontramos, onde acompanhamos algumas de suas mudanças e experiências. Chamou-nos a atenção, o fato de vê-la em uma foto vestida de branco, havia se tornado enfermeira. Não foi exatamente o fato de ser enfermeira que nos comoveu, mas de ver que ela havia driblado o medo, a ansiedade e a insegurança. Não era mais aquela adolescente.

O desafio de escrever sobre lesbianidade, num contexto que se apresenta distante de nosso lugar de fala e de nossas experiências, desperta-nos as memórias sobre a Camila. Chamamos para uma conversa virtual e pedimos para que ela contasse a sua história e, assim, ela o fez, narrou sua vida como quem narra a história de um livro, sem culpas, mas carregada de experiência e de emoção.

3. CAMILA NARRA A SUA HISTÓRIA

Em agosto de 1992, na cidade de Canguçu/RS, na região do Rio Grande do Sul, nasceu Camila. Após um ano e com a separação dos pais, vai morar em Pelotas. "Desde pequena eu sempre me sentia diferente, não gostava de usar saia, não gostava de me arrumar, gostava de calça jeans, bermudão, uma camiseta, nada de blusinhas de tirinhas, essas coisinhas de menina".



Já no início de sua história, ela faz questão de trazer o quanto se sentia diferente daquelas meninas que usavam blusinhas de tirinhas, chama atenção a expressão “coisinhas de menina”, como se quisesse dizer, eu não pertencço a esse universo e não quero ser conhecida como “menina”.

Ao assumir essa condição de não pertencimento, Camila, embora criança, concebia o seu corpo como um território político (Pisano, 2010), e não como um constructo biológico. Ela queria ser diferente, sentia-se diferente e não queria ‘aprender’ a ser menina.

Ao falar de sua família conservadora, relata as dificuldades em assumir-se lésbica “[...]eu não sabia como contar para meus pais, só que chegou num ponto que eu e a minha mãe estávamos brigando muito, numa das brigas eu acabei dizendo para ela, acabei contando”.

Essa necessidade de contar aos pais não está relacionada apenas ao fato de Camila se sentir diferente, mas como isso possui um grande valor, como se a condição de pertencimento daquela identidade estivesse intimamente ligada ao “abrir o jogo” para os pais. Nas tramas da cis-heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), os processos de educação familiar e institucional são tão naturalizados, que vão se constituindo de uma forma fluida, que aquilo que foge ou escapa desse processo, precisa ser construído, falado, narrado. Conta-se aos pais sobre a homossexualidade ou sobre ser lésbica, mas não é necessário contar sobre identidades que não sejam dissidentes, no caso as cis-heterossexuais.

Na hora ela ficou chocada, e **veio me pedir para não me expor em redes sociais e não contasse para ninguém**. Não foi o que eu fiz, eu fui me expondo, eu fui contando, eu achava que todo mundo deveria saber o que eu era, quem eu era, certo ponto minha mãe queria que eu me conservasse, ela tinha certa razão. Depois foi bem difícil emprego, respeito (grifos nossos).

Camila não ouviu a mãe, queria e precisava falar sobre quem ela era, mas também falar sobre quem ela não era. Ela não se encaixava nos padrões de meninas com blusinhas de alcinhas, queria habitar o seu corpo a partir de sua própria escolha, para ao (re)pensar-se, construir a sua história (Grijalva, 2020).

Começa, então, a relacionar-se com mulheres mais masculinizadas, foi quando ela mesma diz ter se ‘encontrado’, pois “até o momento eu não tinha certeza de nada. Não conseguia me sentir como pessoa e, tampouco, como mulher”. Camila sabia que não se encaixava nos padrões da cis-heterossexualidade, mas isso não deslegitimava a busca pela identidade lésbica, era necessária a vivência com outras pessoas que viviam as mesmas angústias de não pertencerem aos padrões da cis-heteronormatividade.

Sua mãe, percebendo que Camila começa a se identificar como lésbica, retoma alguns discursos cis-heteronormativos, dizendo que não é possível não gostar de homens sem nunca ter experimentado.

Minha mãe me dizia que eu nunca tinha experimentado um homem, que deveria experimentar para saber, aquela conversa e aquela coisa, nessa pressão dela, com muitas dúvidas, acabei conhecendo um rapaz. Aconteceu e eu não gostei. Aconteceu com outro e não gostei. Olhei para a minha mãe e disse: “tu me desculpa, mas a tua filha não é como tu gostaria que fosse, não gosto de homens, gosto de mulheres”.



O desejo e a orientação da mãe para que Camila experimentasse a relação cis-heterossexual, nos remete ao que Michel Foucault (2008) denominou como condução das condutas, ou seja, a forma pela qual um indivíduo ou grupo age ou interfere na conduta do outro, exercendo sobre ele um governo, a partir das relações de poder.

A conduta é a atividade que consiste em conduzir, a condução, se quiserem, mas é igualmente a maneira como cada um se conduz, a maneira como cada um se deixa conduzir, a maneira como cada um é conduzido e como finalmente, cada um se comporta sob o efeito de uma conduta que seria ato de conduta ou de condução. (Foucault, 2008, p. 255).

Camila foi conduzida a se relacionar com homens, não fisicamente forçada, mas pela interpelação de sua mãe, que reproduz o discurso hegemônico, de que uma mulher precisa de um homem e de que todas as pessoas que nascem com uma vagina precisam ser mulheres e relacionarem-se com homens. Do excerto que extraímos o título desse escrito, além da noção da condução das condutas, há também a resistência de Camila, quando afirma “não gosto de homens, gosto de mulheres”, ao passo em que a condução das condutas é uma forma de governo, a resistência é o caminho para não se deixar ser governado.

Para Michel Foucault, onde há poder sempre haverá resistência, como uma oposição a sua existência, segundo o autor (2004, p. 241), a resistência não é anterior ao poder que se enfrenta, mas sim uma extensão dele. Para resistir é preciso que a resistência seja como o poder, “tão inventiva, tão móvel e tão produtiva quanto ele” e que venha de baixo e seja estrategicamente distribuída. Dessa forma, jamais somos aprisionados pelo poder porque temos a possibilidade de modificar a dominação que ele tenta exercer em circunstâncias determinadas: “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência”.

A mãe ao dizer como Camila deveria agir em relação aos seus desejos, naturaliza a cis-heterossexualidade, a partir da sua anatomia e do seu corpo biológico. Para Adriene Rich (2012), a sexualização dos corpos é determinante nesse papel de naturalizar aquilo que a Biologia ou Anatomia evidenciam. A diferença dos sexos genitais é uma categoria que legitima a cis-heterossexualidade compulsória. Camila, enquanto sujeito com vagina precisava se reconhecer com mulheres e, como tal, relacionar-se com homens. Se de um lado, Camila escapa a essa naturalização, através de seu corpo enquanto espaço político (resistência), de outro, a cis-heterossexualidade, politicamente compulsória, através de um intenso processo age sobre os sujeitos e sobre as instituições, impondo determinados comportamentos e normas (condução das condutas).

Camila conta que foi contratada para trabalhar numa rede alimentícia, aos poucos, sua mãe foi “aceitando”, tolerando, mas sempre preocupada com quem ela se relacionava. Há um pouco de preocupação sobre o que os outros vão pensar, afinal, quando ela contou à mãe, o primeiro pedido foi que Camila não expusesse nas redes sociais sobre ser lésbica.

Conheci uma pessoa pelo Orkut, começamos a conversar e ela foi até Pelotas me conhecer e acabou ficando por lá. Ela arrumou emprego em Rio Grande, e acabamos indo morar lá. Também fui transferida para RG. Ficamos juntas 1 ano e meio, nos separamos e eu vim embora de voltar para Pelotas.



Contou-nos sobre o primeiro relacionamento duradouro, falou de traições físicas e emocionais, narrou sobre as frustrações de outro relacionamento, que durou dois anos, e descobriu que sua esposa estava a traindo com o melhor amigo de ambas. A tonalidade da voz que anuncia a traição da esposa e do amigo, que muitas vezes confidenciou sobre sua vida, fala para além das palavras.

Aí entrei em depressão, síndrome do pânico, ansiedade, adoeci, tive muita dificuldade para conseguir um lugar na sociedade, porque meu pai e minha mãe, ninguém mais acreditava em mim. Minha avó, por parte de mãe, sempre foi minha amiga, e convenceu a minha mãe a me dar o curso de enfermagem. Fiz o curso e conclui.

A solidão, não física, mas emocional toma conta de Camila, que precisou retornar à família. Pela lógica do patriarcado, as mulheres costumam ser sustentadas pelo marido, controladas e submissa. Camila era diferente, queria romper com os discursos da cis-heteronormatividade, queria romper com os padrões estabelecidos às mulheres, assumir-se como lésbica e constituir em seu corpo um espaço totalmente seu.

O retorno à família não fez Camila desistir de sua identidade, a fez perceber o quanto ainda estamos socialmente arraigados aos princípios do patriarcado. Camila, então, formou-se em Técnica em Enfermagem, porém, não conseguia emprego a não ser como cuidadora de idosos.

Não conseguia emprego em Pelotas, só como cuidadora de idosas. Em meio a pandemia, conheci a pessoa com quem estou hoje. Nos encontramos de forma complicada, porque ela estava passando por problemas difíceis. Foi que resolvemos levar adiante e ter uma vida. Ela resolveu sair do emprego dela e vir para perto da família, onde conseguiu uma proposta de emprego muito boa. Como eu não conseguia emprego na minha área, resolvemos que iria junto. A gente veio para a cidade Frederico Westphalen.

Chegando a nova cidade, Camila em pouco tempo já é contratada como enfermeira do Hospital. Inicialmente, sentiu-se mais tímida, afinal, não se tratava apenas de uma nova cidade, tratava-se também de um recomeço. A cidade pequena, um tanto conservadora e bastante católica, fez Camila ter um pouco de medo se ela poderia ser e se expressar da forma como era, “embora com medo, nunca deixei de falar. No hospital, todos sabem que não é uma amiga, é a minha esposa, é a minha mulher”.

Quando amamos é muito importante que todos/as saibam desse amor, com Camila não foi diferente, ela sempre fez questão de dizer que era lésbica, sem escancarar a sua história, mas deixando que o espaço pudesse ser ocupado por aquele corpo que era político e, como tal, resultado de suas escolhas e decisões.

O que é importante não são as práticas sexuais entre mulheres que se autoreconhecem lésbicas, mas os encontros entre elas. O encontro afetivo-sexual entre mulheres é poderoso do ponto de vista político, porque justamente as mulheres que não dependem afetivamente e economicamente de homem na situação da conjugalidade heterossexual tradicional, se empoderam fora desse sistema patriarcal masculino (Grossi, 2017, p. 88).

Mirian Pilar Grossi, ao descrever sobre o pensamento de Monique Wittig, destaca o quanto o encontro de mulheres que se declaram lésbicas, rompe com a dependência econômica e afetiva da



figura masculina. Interessante considerar que esse rompimento e transgressão das normas da sociedade cis-heterocentrada não acontece da mesma forma com o encontro de homens gays, tendo em vista que “dois homens juntos continuam se beneficiando dos privilégios da masculinidade hegemônica.” (Grossi, 2017, p. 89).

Camila não assume uma militância ou se considera uma feminista lésbica, mas resiste, é possível perceber que seu posicionamento político está em subverter com as normas sociais cis-heteronormativas e patriarcais, lembrando das palavras de Miriam Grossi, “não precisamos de um homem, nosso poder está em outro lugar, nós estamos fora, acima, à margem, como quisermos pensar, desse centro de poder e dessa disputa de poder” (2017, p. 89).

Camila e sua companheira vivem suas vidas, nesse encontro que além de amoroso é político, constroem seus sonhos, desejos e conquistas desafiando o rígido solo da cis-heteronormatividade. “A gente tem planos no futuro, de conquistar um canto para nós, estamos pagando aluguel. Planos de ter nossa casa, conversamos sobre ter filhos [...]”, os planos não são tão fáceis àqueles que escapam às normas cis-heterossexuais, Camila precisa afirmar e reafirmar que não possui marido, que não é casada com um homem e tampouco sustentada por ele.

Ela relata o quanto é independente, “sou dona do meu nariz, não preciso de um homem para fazer um furo na parede, eu faço, não preciso de um homem para instalar um botijão de gás, eu mesmo instalo. Tenho meu carro e minha moto, conquistas minhas”. Faz questão dizer de seu carro e sua moto, como conquistados por ela, pelo seu trabalho e pela sua independência.

Camila fala que seus conflitos continuam a nível familiar, não diretamente de pai e mãe, mas de outras pessoas da família “tu és mulher, nasceu mulher e tem que estar é com homem. Isso me deixa muito chateada. Me magoa. Muitas pessoas da família têm dificuldade de me olhar na cara, pelo fato de eu ser como sou. Tratam a minha irmã duas vezes melhor do que a mim”. Essa interpelação a Camila por parte de alguns familiares remete mais uma vez a tentativa de ajuste aos padrões cis-heteronormativos, mais alicerçados quando relacionados à mulher, cuja dependência é historicamente associada ao homem.

Camila não olha para a sua vida como uma história de sofrimento, tampouco reage com arrependimentos, mas como experiências, cujas marcas se constituíram degraus de amadurecimento, “sou guerreira mesmo, porque só eu sei o fardo que carreguei, das vezes que a minha mãe não estava bem e precisei estar do lado dela. Quando vejo aonde cheguei e a vida que levo, o quanto sou respeitada por muitas pessoas e o quanto algumas me admiram, eu vejo que segui no caminho que eu acreditava e estava certa”.

4. NA TENTATIVA DE NÃO ENCERRAR

Não é possível finalizar uma história e tampouco antecipá-la, Camila tem muito para viver seus sonhos, desejos e amores.

Camila não é uma teórica de gênero e nem feminista, não debruça madrugadas sobre os livros e artigos, não produz vídeos para *youtube* e nem participa de nenhum movimento social LGBTQIA+, Camila constituiu-se na luta diária de resistência, enfrentando os desafios de uma sociedade cis-heteronormativa e uma família nuclearmente patriarcal.



Narra sua história mostrando a cis-heterossexualidade compulsória, cujos discursos e práticas têm intencionalidades e endereços certos, ditam comportamentos ao corpo, o que fazer, como sentar, o que vestir, com quem se relacionar, condenando, portanto, outros comportamentos que fogem ou escapam a esses padrões. Narra sua história, sabendo das interpelações sofridas por um corpo feminino, da vigia, da submissão, do desejo.

Camila foi o que fugiu, escapou e resistiu à cis-heterossexualidade compulsória, constitui-se lésbica muito cedo, mesmo antes de gostar de mulheres, mas porque reconheceu que não era uma menina como as outras, por incomodar-se com as vestimentas, as maquiagens, as atribuições ao feminino e à mulher. Camila acreditava que podia ser feliz sem nunca ter se relacionado com homens, portanto, foi desafiada, questionada e interpelada, como aquilo que fizemos a uma criança que diz não gostar de brócolis, como adultos forçamos para que prove antes de dizer que não gosta, a diferença é que Camila não era mais uma criança e o que estava em jogo não era um brócolis, era o seu corpo e o seu direito de decidir sobre ele.

Falou das dores e abusos de relacionamentos, compartilhou sobre os olhares e interpelações que sofreu de familiares, dos dedos apontados e dos discursos de ódio porque não era casada com um homem. Mas Camila fala também de suas conquistas e de sua felicidade ao lado da sua companheira, com quem compartilha amorosamente sua vida.

Assim, Camila ensina com as suas narrativas e experiências de vida sobre resistência, sobre humildade e sobre o amor. Histórias como a sua precisam ser contadas, não para exposição de suas vidas, mas que sirvam de coragem e estímulo a tantas outras, que como ela, precisam resistir todos os dias.

5. REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

GRIJALVA, Dorotea. **Meu corpo é um território político**. Zazie Edições. 2020.

GROSSI, Miriam Pillar. O Pensamento de Monique Wittig. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 2, p. 83-90, 2018. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/25050>>, acesso em 15 jul 2022.

PISANO, Margarita. **De una buena vez, salirnosdel patriarcado, juzgarlo y botarlo**. Palestra proferida em La Casa delProfesor, Santiago de Chile, em janeiro de 2010. Transcrita e editada com a colaboração de Andrea Franulic.

FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei. In: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 2004, pp. 229-242.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RIBEIRO, Paula Regina C.; ÁVILA, Dárcia A. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias...a narrativa como metodologia na pesquisa educacional. In: SILVA, Gisele R.; HENNING, Paula C.



(Org.). **Cadernos Pedagógicos, Pesquisas em Educação: experimentando outros modos investigativos** - Rio Grande. Editora da FURG, 2013.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades**. Natal, v. 4, n. 5, jan./jun. 2012, p. 17- 44. Disponível em < <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>>, acesso em 10 out 2022.

Submissão: 24/03/2023

Aceito: 18/09/2025